
CADEIRA 38

PATRONO

Frederico Augusto Prado de Oliveira

OCUPANTES

João Cunha

Amarílio Novis

Ciro Furtado Sodré

Benedito Sant'Ana da Silva Freire

SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA

YASMIN JAMIL NADAF

Cuiabá, 27 de outubro de 1995

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTONIO NETO

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF, PELO ACADÊMICO JOÃO ANTÔNIO NETO



Sob o Signo das Flores

Permitam-me que comece falando de flores, o que é particularmente delicioso – porque, falar de flores é perfumar as palavras e colorir o pensamento...

Aos demais, hoje, a flor é o tema e a personagem principal desta noite encantadora...

A flor-tema é a Violeta, sob cujo patrocínio a recepiendária construiu sua obra inovadora e substantiva – e a flor-personagem é o Jasmim, cujo nome chegou à Língua Portuguesa, emigrado da Pérsia, e aqui está presente na pessoa de Yasmin Jamil Nadaf.

A Mulher e a Flor: eis, pois, a nossa proposição. Aliás, as duas, de alguma forma se interfundem, pois se a mulher é a reencarnação da primeira flor, a flor é a transfiguração feminina da Natureza.

É, assim, entre flores, que recebemos a professora Yasmin, a qual, neste momento, amplia e requinta o número de mulheres que engrinaldam esta Casa.

Aqui já estão: Maria de Arruda Müller, Dunga Rodrigues, Ana Luiza do Prado, Vera Randazzo, Nilza Pinto Queiroz e para cá está vindo a ilustre professora Elizabeth Madureira Siqueira – tudo a provar que o papel da mulher não é somente aquele de limitar-se ao âmbito da casa e da reprodução, sem aspirar a pontos de relevo na esfera do trabalho, da cidadania e do pensamento.

E Yasmin nos demonstra de forma vigorosa o que várias mulheres de Mato Grosso fizeram e estão fazendo pela literatura mato-grossense, em alguns casos, adiantando-se aos nossos homens de letras.

A obra capital de Yasmin é a Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, trabalho recém-publicado no Rio de Janeiro, em grande e esmerado volume de 527 páginas, com o sugestivo título de *SOB O SIGNO DE UMA FLOR* – daí, minha invocação inicial.

E aqui, por sorte, retornamos à flor, e a flor é a VIOLETA, nome de uma revista cuiabana, surgida em 16 de dezembro de 1916, fundada e dirigida por mulheres de Cuiabá e especialmente dedicada à atividade das escritoras, em todos os domínios da cultura literária, artística e científica.

O livro de Yasmin, todavia, não é apenas a notícia banal de uma novidade literária arrancada do baú das recordações – mas, uma pesquisa profunda e substancial que, além de trazer à cena da nossa cultura personagens das nossas letras, injustamente esquecidas, confere o trabalho dessas pessoas, num espectro abrangente, que vai da epistolografia ao feminismo e à teoria da literatura e das artes.

No seu esforço revelador, a autora arrolou vinte e cinco temas principais versados pelas literatas, predominantemente de Cuiabá. A obra da pesquisadora, dessa

forma, inscreve-se, dentro do seu gênero, como única no nosso Estado e certamente uma raridade no panorama da literatura nacional.

E nem se diga que o livro da professora Yasmin, ao escolher como objeto de estudo, a revista *A VIOLETA*, estaria na esteira de certo feminismo exclusivista e radical, como os que partem sistematicamente do ângulo da opressão, excludente da participação masculina.

Nada disto. E nem foi esse o pensamento das escritoras fundadoras, pois tiveram entre seus colaboradores alguns escritores conhecidos, daqui e de outros Estados, como José de Mesquita, Floriano de Lemos, Dom Aquino, Raimundo Maranhão e vários outros.

O que a professora Yasmin concebeu, e levou a cabo, foi mostrar a vitalidade cultural das nossas mulheres, a maioria professoras, ao lado dos escritores em voga. Também apresentou *A VIOLETA* como um quase milagre de militância, substancialidade e sobrevivência, conseguindo a façanha de viver por 34 anos, com vigor e brilho.

E neste ponto é indispensável salientar que a revista *A VIOLETA* era o órgão próprio e porta-voz do *GRÊMIO LITERÁRIO JÚLIA LOPES*, do nome da maior romancista brasileira de sua época.

O Grêmio – como a revista – é, igualmente, um prodígio de duração e funcionamento efetivo. Anteriormente, tivemos várias experiências de associações literárias, quase todas de vida passageira. Desde 1874, como chamado Gabinete de Leitura, multiplicaram-se aqui, as tentativas para manter associações, sociedades, clubes, ligas, escolas, centros – todos começados sob os melhores auspícios e terminados bruscamente a meio caminho.

Com o Grêmio Júlia Lopes, foi diferente. Apesar de todos os tropeços, avançou, galhardamente, por mais de três décadas!

E, neste ponto, gostaria de ilustrar um aspecto que foi apenas aflorado, ao de leve, pela professora Yasmin (p. 28) e que eu estimaria ver mais aprofundado, pois transcende o mero caráter referencial. Refiro-me ao fato de o Grêmio Literário, Júlia Lopes, de 1916, haver antecipado o Instituto Histórico de Mato Grosso, de 1919, e a Academia de Letras, de 1921.

Tal acontecimento constitui evento curioso, significativo e rico em consequências históricas. Ou seja: fica provado que a primeira associação literária, verdadeiramente orgânica, formal e representativa das letras matogrossenses, com caráter duradouro, possuidora de órgão próprio e programa definido, foi de mulheres da nossa sociedade, desde que os congêneres anteriores tiveram existência precária, naturalmente por falta de um impulso interior autogênito e criador, como o tivera o Grêmio feminino de 1916. O próprio Grêmio Literário Álvares de Azevedo, de 1911, teve vida fugaz, enquanto Júlia Lopes chegou a publicar mais de 300 números de sua revista!

Como se vê, o caso é para ser vivamente considerado e nem parece exagero sugerir que o Grêmio abriu o caminho para o aparecimento da própria Academia Mato-Grossense de Letras. E aí está um dado que – ao que eu saiba – ninguém ainda suscitou.

São conclusões que me ocorreram no momento em que recepcionamos a professora Yasmin, animadora desses fatos da nossa história cultural.

Só por isto, mereceria ela, a láurea que está recebendo. Entretanto seu labor de estudiosa e pesquisadora não se resume apenas aos lances que tenho apresentado, até agora.

De há muito, vem ela trabalhando no campo da análise da nossa literatura, de seus representantes e de suas produções. Além de inúmeros trabalhos de crítica literária, publicados em diversas oportunidades, em órgãos do nosso Estado e de outras Unidades da Federação – Yasmin acaba de apresentar interessante painel sobre a Literatura Mato-grossense de Autoria Feminina, nos séculos XIX e XX, como comunicação ao VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, (11, 12 e 13 de setembro de 1995).

Temos recebido nesta casa, poetas, jornalistas, romancistas, cronistas, historiadores, filólogos, juristas, economistas, cientistas de vários domínios e outros formadores da nossa cultura literária e científica, mas, agora, com Yasmin – pelo menos nos dias atuais – encetamos uma nova linha de cogitações. É a investigadora do fenômeno literário e artístico, espécie de arqueóloga que vai à História e daí arranca figuras entorpecidas pela névoa das omissões – ou, fazendo justiça aos novos, revelando-os a um público maior e à admiração dos apetites estéticos de hoje.

Da leitura desses trabalhos, extraímos a lição de que, em nossa poesia, não há somente José de Mesquita, Otávio Cunha ou Dom Aquino, mas ainda, Benilde Moura, Maria Santos Costa ou Antídia Coutinho e Amália Verlangieri. Nosso jornalismo não seria só Arquimedes Pereira Lima ou Pedro Rocha Jucá, deslembrando-nos de que houve Maria Dimpina, que foi ainda a primeira mulher funcionária pública de Mato Grosso. O romance não seria exclusivo de José de Mesquita, pois apontamos agora para Tereza Albués e eu acrescentaria Aldenora de Sá Porto. Os poetas modernos não ficariam reduzidos a Silva Freire e Wladimir Dias Pino, pois já se pode apresentar Marília Beatriz, Lucinda Persona ou Selma Moussalem.

Também é verdade que, pouco se fala da versátil Vera Randazzo, da erudita Guilhermina de Figueiredo, da pioneira Bartira de Mendonça, das insígnies Amélia e Tereza Lobo ou de Mariana Póvoas, sem esquecer a grande iniciadora, Leonor Galvão, por sinal, fundadora da primeira *A VIOLETA* de Mato Grosso, em 1897. E se ainda se comenta Maria Muller, é por ser a viúva longeva de Júlio Muller; se se fala da professora Dunga é por sua vivacidade e seu piano e se se recorda Zulmira Canavarros é por suas canções e quem sabe até por causa do Mixto Esporte Clube...

Pois bem, a correção desses esquecimentos e a descoberta de novidades literárias, abrindo novos horizontes da nossa literatura, vem sendo realizadas, de forma original e douta pela nova acadêmica, através de um labor abnegado e proficiente, de alto valor técnico e humano, capaz de honrar qualquer literatura.

E a atividade de escritora especializada de Yasmin, não se circunscreve às teses aqui referidas, pois se tem estendido a estudos vários sobre autores diversos, como Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos e Silva Freire. Além disto, escreveu

e publicou ensaios a respeito de teatro, educação feminina em Mato Grosso (1850-1950) e tópicos, versando a literatura feminina, em nossos dias.

Yasmin é graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, com Especialização em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Paraná e Mestre em Letras, pela Universidade Estadual Paulista.

É meu propósito ainda dizer algumas palavras de aproximação entre a substituinte e o substituído, ou seja, a acadêmica estreante e o anterior ocupante da Cadeira 38, isto é, Benedito Santana da Silva Freire.

Estou certo de que neste preciso instante, Silva Freire está aqui presente, na transparência irrevelada dos mistérios do espírito, como num transporte de magia e de sonho, para agradecer o destino que lhe deu tão ilustre sucessora e aplaudir calorosamente o sufrágio que a colocou neste cenáculo consagrador. Renovador da poesia contemporânea do Brasil e de Mato Grosso, Silva Freire combina bem com Yasmin, restauradora dos verdadeiros cânones da nossa literatura e emissária emérita das forças novas que movem a nossa cultura.

Como vêem, é uma noite de encontros felizes, esta a que estamos assistindo, para a qual confluem as águas vívidas do passado, ao encontro dos amplos estuários do presente, num movimento de superação dos esquecimentos fatais que esterilizam a História e frustram os caminhos ascensionais da criatividade humana.

Bem haja, pois, o insigne da Academia em chamar ao seu regaço e agasalhar num dos seus nichos, mais um dos valores autênticos do nosso engenho criador, operária da cultura, que dignifica nossa sensibilidade e o nosso pensamento.

Daí a conclusão alentadora: a recepção de titular desta categoria, confere prestígio a qualquer Instituição cultural, afastando o atrativo e a tentação das mediocridades festivas, renovando, desta forma, as forças criadoras legítimas da inteligência e do merecimento.

E já que começamos com flores, seria justo e mais harmonioso que com flores terminássemos.

Porém, que mais flores usar, comparáveis às que serviram de grinaldas e umbelas, para enfeitar esta saudação – as flores manifestadas pela Natureza e as reveladas pela Humanidade: violetas, jasmims e mulheres? ...

Desse jeito, será inevitável repetir o que certamente não deslustrará esta hora de cálidas alegrias – porque, repetir flores, é sempre inaugurar o encanto e a festa da Beleza e renovar o prazer do Deslumbramento e das Ternuras.

Assim sendo, chovam corolas e pétalas sobre tudo e todos; salve a Violeta, sob cujo signo aqui estamos – e seja bem vindo o excelso Jasmim, de Yasmin, a qual há de ornamentar, de agora em diante, este pródigo e afortunado Jardim das nossas Letras!